

Os 39 dias de luta pela sobrevivência

Sete cirurgias em 39 dias de grande sofrimento físico para o presidente eleito, Tancredo Neves, e muita tensão e comoção para o País. Dias de boatos, boletins médicos otimistas e outros cautelosos, vigílias civis em frente ao hospital de base de Brasília e ao Instituto do Coração de São Paulo, orações e rezas e uma árdua luta dos médicos para recuperar a saúde de Tancredo.

Da inflamação no divertículo de Meckel, que o levou ao hospital na noite do dia 14 de março, quando foi extraído também um leiomioma, a segunda operação, para extirpar as aderências que se formaram nas paredes do intestino, juntamente com uma "jejunosomia", no dia 20, a retirada de um anel de um centímetro do intestino e o estancamento de uma hemorragia, no dia 26; da correção de uma hérnia inguinal encarcerada no lado esquerdo do abdômem, dia 2 de abril, à constante administração de antibióticos para debelar infecções pós-operatórias, foram cerca de 32 horas de cirurgias e anestesia. Dia a dia, aqui estão os principais momentos dessa luta que emociona a Nação.

Dia 14
Tancredo Neves é internado às pressas no Hospital de Base de Brasília, à noite, algumas horas antes da posse como presidente da República. Os médicos falam inicialmente em apendicite.

Dia 15
No início da madrugada ele sofre a primeira cirurgia. Segundo os médicos Renault Mattos Ribeiro e Francisco Pinheiro da Rocha, Tancredo estava com diverticulite, uma inflamação no divertículo de Meckel. E só aí os médicos revelam que ele vem sentido dores abdominais há quatro dias, e não apenas faringite, como haviam anunciado. Na tarde desse mesmo dia, as informações oficiais do Hospital de Base são otimistas: o presidente eleito passa bem e pode deixar a UTI rapidamente.

Dia 16
O sábado começa com boas notícias oficiais. O boletim médico informa que o paciente passa bem a noite e já toma alimentos líquidos. Outras fontes revelam algumas complicações pós-operatórias, que resultaram em crise respiratória.

Dia 17
Domingo de contradições na equipe médica do Hospital de Base. O clínico Renault Mattos Ribeiro mostra-se preocupado com um "processo infeccioso sugestivo de pneumonia", mas é desmentido posteriormente pelo cirurgião Pinheiro da Rocha e até repreendido por assessores do Planalto. Assim, o boletim oficial registra apenas "a presença de pequenas alterações respiratórias". Omite-se outro problema que se agravaria depois: uma obstrução intestinal.

Dia 18
Prossegue a desinformação. A linguagem oficial usa termos como "melhora expressiva e progressiva" e, pelos relatos de assessores, aparece um Tancredo falante e animado. Ao mesmo tempo, o Hospital das Clínicas de São Paulo é colocado em estado de alerta. Dia de boatos. A noite, surge a primeira pista mais real: Tancredo apresenta uma "atelectasia", ou seja, dificuldade para a passagem do ar no pulmão.

Dia 19
Brasília é surpreendida com a chegada de nove especialistas vindos de São Paulo, Rio e Belo Horizonte. É a junta médica, cuja presença fora negada na véspera. Um dia de exames depois, a junta emite boletim considerando correto o tratamento anterior e registrando somente a existência de "alterações nos movimentos intestinais".

Dia 20
Tancredo sofre a segunda cirurgia, liderada pelo médico paulista Henrique Walter Pinotti. Oficialmente, para extirpar as aderências que se formaram nas paredes do intestino. A simplificação da linguagem protocolar esconde um quadro real: o presidente eleito estava com todos os tecidos debilitados, vomitava, tinha acessos de tosse e, com isso, sofreu ruptura da membrana intestinal. A sutura da primeira operação também se rompeu. A equipe de São Paulo faz ainda uma "jejunosomia", uma abertura no jejuno, parte do intestino, para evitar que a massa fecal passe pelo local da cirurgia. Isso não foi feito na primeira operação.

Dia 21
Início do segundo pós-operatório. Como da vez anterior, marcado por boletins tranquilizadores. Em entrevista, o cirurgião Pinotti diz que Tancredo foi submetido "a um tratamento de uma doença benigna". A expressão traz à tona uma informação ainda não confirmada oficialmente — a de que, junto com o divertículo de Meckel, a primeira equipe extraiu um leiomioma, tumor benigno.

Dia 22
Confiante, Pinotti anuncia que o presidente eleito terá alta hospitalar em poucos dias e poderá tomar posse antes do final do mês de março. Segundo o porta-voz Antônio Brito, Tancredo brinca com os médicos, que querem dar-lhe cama mais confortável: "Não quero, é mordomia".

Dia 23
Tudo parece caminhar realmente para uma recuperação rápida. Tancredo até escreve mensagem ao vice-presidente no exercício da Presidência, José Sarney, elogiando sua "irrepreensível correção moral" no desempenho do cargo.

Dia 24
O segundo domingo do presidente eleito no hospital. Tranquilo.

Dia 25
A rotina na manhã desta segunda-feira só é quebrada porque os médicos permitem que Tancredo satisfaça insistente pedido dos jornalistas: ele se deixa fotografar numa sala ao lado do centro de recuperação.

Dia 26
Volta a tensão. O alívio das fotos é substituído pela angústia de ver o presidente eleito desembarcando de

maca em São Paulo, rosto coberto e tendo ao lado frascos de soro e sangue. Só aí o País fica sabendo que ele estava com uma hemorragia desde a noite anterior. Na emergência os médicos resolvem trazê-lo para o Instituto do Coração, do Hospital das Clínicas, onde ele chega logo depois das 8 horas e é imediatamente submetido a dois exames — uma arteriografia e uma cintilografia, com o uso de radioisótopos. Localiza-se o ponto exato do sangramento, uma artéria junto ao intestino. Os médicos ainda tentam conter a hemorragia com medicamentos. Não dá certo. As 13h20 Tancredo entra pela terceira vez no centro cirúrgico, em 12 dias.

Dia 27
Terceiro pós-operatório e início da fase mais difícil para Tancredo. Agora os médicos estão mais cautelosos e os boletins oficiais, mais francos. Assim, revelam a existência de ferrenha batalha contra um novo problema que começa a preocupar a equipe: a infecção de natureza hospitalar. O boletim divulgado na parte da manhã registra: "O local da incisão cirúrgica apresenta infecção de natureza hospitalar, que está sob controle mediante o uso de antibióticos". Quem comanda esta luta é o imunologista Vicente Amato Neto. Também na parte da manhã Tancredo recebe a visita de Sarney e demonstra a ele, por gestos através do visor de vidro, que, apesar das três cirurgias, está bem.

Dia 28
A infecção, trazida do Hospital de Base de Brasília, está sendo dominada, de acordo com os médicos. Eles ainda confirmam que "o paciente apresentou atividade intestinal espontânea", e que está usando uma cinta abdominal, que lhe permite caminhar sem sofrer riscos, como o provocado por um acesso de tosse. Tudo parece bem. Mesmo assim, um médico recomenda prudência: o momento "é de esperança, nunca de otimismo".

Dia 29
O motivo da prudência da equipe do HC é revelado nesta sexta-feira. Misturam-se notícias boas e outras que exigem cuidados. Boa, por exemplo, a informação de que Tancredo faz a primeira refeição mais substancial depois da terceira operação — sopa de legumes, suco de maçã, iogurte e gelatina. Ou ainda, a de que "o estado dos pulmões chegou praticamente à normalidade". No mesmo boletim aparece: "O paciente está recebendo transfusão de 300 mililitros de glóbulos vermelhos para corrigir uma discreta anemia residual".

Dia 30
A vigília continua no 3º andar do Instituto do Coração e o próprio Tancredo exige que os médicos digam à Nação a verdade sobre seu estado de saúde. A verdade, segundo eles, é que o processo infeccioso não cede, apesar do uso de antibióticos importados, classificados como de 3ª geração. A verdade também é que o presidente eleito intercala períodos de melhoria, em que brinca com os parentes ("qual o menu de hoje?").

Dia 31
Terceiro domingo no hospital. A luta contra a infecção prossegue. O imunologista Vicente Amato Neto e seu assistente Marcos Boulos comandam as pesquisas para descobrir a bactéria causadora do problema. O boletim médico dá duas informações. A primeira, de que Tancredo "recebeu, pela manhã, 500ml de sangue para completar o processo de recuperação da anemia residual". A segunda: "Nas últimas 12 horas teve discreta elevação de temperatura, 37,3, que cedeu espontaneamente; a ferida cirúrgica está com processo infeccioso controlado".

Dia 1
Abril entra com a expectativa de que Tancredo se recupere logo. Mas os médicos pedem tempo e confirmam que a luta contra a infecção vai demorar mais alguns dias. O indicador desse quadro: a febre sobe e desce. "O sr. presidente tem tido, hoje, surtos febris, em média a cada seis horas, seguidos de elevação temporária das frequências cardíaca e respiratória", diz o boletim distribuído no fim da tarde.

Dia 2
Pode ser dividido em duas partes. Pela manhã, o porta-voz Antônio Brito assegura que a infecção está passando "do sinal amarelo para verde", ou seja, deve ser dominada em breve. E, à tarde, o inesperado: Tancredo é submetido à quarta cirurgia em 19 dias. Agora, de acordo com a equipe do dr. Pinotti, para corrigir uma hérnia inguinal encarcerada no lado esquerdo do abdômen. Em outras palavras, não tem nada que ver com a infecção.

Dia 3
Além da *pseudomona cepaea*, contraída no hospital de Brasília, mais uma bactéria, a *enterobacteriaceae*, é encontrada no material colhido no saco herniático, durante a cirurgia do dia anterior. Mas os médicos dizem também que tecidos novos começam a aparecer junto à primeira ferida cirúrgica, sinal de que a infecção está regredindo.

Dia 4
A quinta cirurgia. Tancredo amanhece com febre e passa por novos exames, para detectar os focos infecciosos. Os médicos descobrem que são dois e pretendem fazer inicialmente uma punção. Acabam optando por extrair os dois abscessos, na parede abdominal. Essa quinta-feira é o dia mais crítico desde a internação na véspera da posse. Agravava-se o estado do presidente eleito, que chega a receber a extrema-unção. A operação começa por volta do meio dia e dura quase três horas. O País começa a viver um clima de grande comoção. Os boatos são muitos. Pela primeira vez, os médicos admitem que um ponto vital na luta do presidente eleito pela sobrevivência — os pulmões — está afetado.

Dia 5
A oscilação continua, e nesta Sexta-Feira Santa fala-se no "calvário" de Tancredo. Mas ele reage e chega a surpreender os médicos com

su recuperação: não tem febre e pode dispensar os aparelhos respiratórios. A equipe médica mantém o tubo ligado à traquéia, por precaução. Dia de muitas orações por sua saúde, em todo o País.

Dia 6
Esperança e cautela, é o que se ouve no Instituto do Coração. Pela manhã, novamente o suspense: Tancredo é colocado sigilosamente numa ambulância e os médicos o levam à unidade central do Hospital das Clínicas, para um exame de tomografia computadorizada. No fim, duas notícias — não são encontrados novos focos de infecção; a inflamação dos pulmões aumentou.

Dia 7
Domingo de Páscoa. Tancredo parece mais uma vez a caminho da recuperação, lenta, milimétrica. A respiração assistida permanece, em menor intensidade. Mesmo assim, ele reclama do tubo na boca. O momento de grande emoção fica por conta de dona Risoleta Neves: após a missa rezada no HC pelo cardeal D. Paulo Evaristo Arns, ela agradece a solidariedade do povo brasileiro, que dá forças a Tancredo e à família, e pede que todos continuem a rezar.

Dia 8
Minuciosos exames não descobrem nenhuma novidade no abdômen ou nos pulmões. Só os problemas anteriores, principalmente no pulmão esquerdo, que continua com apenas 60% de sua capacidade. Para os médicos, momento de "otimismo cauteloso". Diminui a movimentação no HC.

Dia 9
Pela manhã, volta a preocupação. Os indicadores de complicações (leucócitos, febre) dão sinais de alerta. À tarde, os médicos fazem uma pequena cirurgia, a traqueostomia, para facilitar a respiração do paciente, retirando o tubo orotraqueal que o incomodava. No início da noite, começam o medo e a tensão. Os médicos lutam contra o tempo. Os batimentos cardíacos de Tancredo chegam a 160, ele tem dificuldades pulmonares e, pela primeira vez, renais. Só às 22h30 ele tem pequena melhoria.

Dia 10
O estado de saúde do paciente continua grave. Mais um dia de agonia também para a Nação. O boletim médico revela que no dia anterior ele teve uma bacteremia, apresentando alterações nas frequências cardíaca e respiratória e nas funções renais. O pulmão esquerdo funciona com 50% de sua capacidade e o direito, com 80%. A infecção abdominal volta a dar sinais de atividade, mas os médicos não conseguem localizar os novos focos.

Dia 11
Sétima operação, no finalzinho do dia, depois de uma surpreendente reação pela manhã. Mas a febre havia voltado à tarde, indicando que a infecção ainda estava presente. Os exames do início da noite não localizam novos focos e os médicos resolvem abrir o abdômen às cegas. Descobrem três novos abscessos, extirpados em seis horas de cirurgia.

Dia 12
Os médicos anunciam que Tancredo se recupera da sétima operação. A esperança começa a se desfazer à tarde. Os rins e os pulmões não funcionam como deviam e recebem ajuda de aparelhos. O presidente eleito é submetido a uma filtragem de sangue para a eliminação de toxinas. D. Marly Sarney vem a São Paulo visitar d. Risoleta. Mas um fato já é claro: Tancredo precisa da ajuda de muitos aparelhos para continuar a luta.

Dia 13
Estado estável. Os médicos continuam preocupados com o funcionamento dos rins e pulmões de Tancredo, ainda ajudados por aparelhos. O pulmão esquerdo está com apenas 50% de sua capacidade e o direito, com 80%, embora os níveis de oxigenação tenham melhorado. O paciente é mantido sob o efeito de sedativos, para evitar o desconforto causado pelos aparelhos. Os médicos dizem que a ultrafiltração do sangue será feita por tempo prolongado.

Dia 14
Os jornalistas são informados, oficialmente, de que Tancredo entrou em coma. Agora, ele vive permanentemente ligado a aparelhos que filtram e limpam o sangue, injetam oxigênio nos pulmões, medem sua pressão. Alguns assessores confidenciam que o estado é irreversível.

Dia 15
Revela-se que os médicos baixaram a temperatura de Tancredo. É o derradeiro recurso para exigir o mínimo de esforço do organismo, extremamente debilitado e impedir a eventual proliferação de novas infecções. Ao chegar ao hospital, o irmão de Tancredo, Jorge Neves, diz apenas: "Agora, a hora é de resignação, fé e muita confiança em Deus".

Dia 16
Tancredo não reage mais ao tratamento intensivo. Os indicadores de complicações estão altos: a taxa de leucócitos pula para 30 mil, a de uréia no sangue vai a 208 mg/100 ml, e a de creatinina, a 6,2 mg/ml. A primeira revela a resistência da infecção; as outras duas, grave insuficiência renal. Mas os médicos continuam a luta, tentando ganhar tempo com as máquinas e medicamentos, na esperança de que o organismo volte a reagir. Por isso usam duas novas armas: aplicam doses de gamaglobulina hiperimune e o chamado "fator de transferência", para fortalecer o debilitado sistema imunológico do presidente eleito.

Dia 17
O quadro ainda é grave, mas permanece estável. Ou seja, sem piores ou melhores. Os médicos prosseguem o tratamento com o uso de aparelhos e antibióticos. A novidade do dia: um pronunciamento do cirurgião Henrique Pinotti, chefe da equipe médica, no qual afirma que a cura é "difícil, mas sempre possível". Ele garante que nenhum órgão de Tancredo tem comprometimento irreversível e considera dever dos médicos tentar todos os recursos.

Dia 18
O momento mais crítico nos 35 dias de hospital. As 18h30 Tancredo teve uma parada cardíaca e chega a entrar em estado de pré-coma. Durante quase duas horas os médicos lutam para salvá-lo, até que às 20 horas ele consegue sair da crise. O problema mais sério é a insuficiência respiratória. Durante todo o dia o aparelho a que ele está ligado para facilitar a respiração lança diretamente em seu pulmão mistura com 100% de oxigênio. Mas a reação do organismo é muito pequena e a pressão de oxigênio em seu sistema arterial é de apenas 30 mm de mercúrio, um nível perigoso, o mais baixo até aqui. Os médicos tentam uma nova arma, o Super-PEEP e forçam a

maior oxigenação do sangue. No final da noite o quadro se estabiliza novamente, ainda que num patamar grave.

Dia 19
O quadro de saúde se estabiliza, embora em nível que os médicos ainda consideram muito grave. A temperatura do corpo de Tancredo é baixada ainda mais, para 33 graus. É que os médicos descobrem uma nova bactéria no organismo do presidente eleito e tentam, com a hipotermia, impedir sua proliferação. Eles suspeitam que o novo foco esteja no pulmão.

Dia 20
Tancredo foi examinado durante 30 minutos pelo especialista norte-americano Warren Myron Zapol. Se-

gundo este, o presidente eleito não reagia a nenhum dos tratamentos para a sua recuperação e podia ser considerado, por isso, um "paciente terminal".

Dia 21
Tudo indica que o fim está próximo. Órgãos vitais do presidente são afetados gravemente. A pressão arterial de 9 por 4 à tarde indica estado de agonia, enquanto o porta-voz oficial da Presidência, jornalista Antônio Brito, anuncia que o quadro é irreversível. As 20 horas, tropas do Exército e da Polícia Militar isolam o Instituto do Coração, familiares do presidente eleito são chamados às pressas e entram no Incor chorando. As 22h30, Antônio Brito lê o último boletim: Tancredo está morto.



No dia 25, a última foto do presidente eleito com dona Risoleta, no Hospital de Base